

Marco Túlio Costa

Ilustrações
Omar Sánchez

Mágica para cegos

Contos e contracontos



1ª edição

1ª tiragem

2011

Conforme a nova ortografia



Editora
Saraiva

R. Henrique Schaumann, 270
CEP 05413-909 – Pinheiros – São Paulo-SP
Tel.: PABX (0**11) 3613-3000
Fax: (0**11) 3611-3308
Televendas: (0**11) 3613-3344
Fax Vendas: (0**11) 3611-3268
Atendimento ao Professor: 0800-0117875
Endereço Internet: www.editorasaraiva.com.br
E-mail: atendprof.didatico@editorasaraiva.com.br

Revendedores Autorizados

Aracaju: (0**79) 3211-8266/3211-6981/3213-7736
Bauru: (0**14) 3234-5643/3234-7401
Belém: (0**91) 3222-9034/3224-9038/3241-0499
Belo Horizonte: (0**31) 3429-8300/3429-8310
Brasília: (0**61) 3344-2920/3344-2951/3344-1709
Campinas: (0**19) 3243-8004/3243-8259
Campo Grande: (0**67) 3382-3682/3382-0112
Cuiabá: (0**65) 3901-8088/3901-8087/3901-8089
Curitiba: (0**41) 3332-4894
Florianópolis: (0**48) 3244-2748/3248-6796
Fortaleza: (0**85) 3238-2323/3238-1331
Goiânia: (0**62) 3225-2882/3212-2806/3224-3016
Imperatriz: (0**99) 3525-2913
João Pessoa: (0**83) 3241-7085/3222-4803
Londrina: (0**43) 3322-1777
Macapá: (0**96) 3223-0706/3223-0715
Maceió: (0**82) 3221-0825
Manaus: (0**92) 3633-4227/3633-4782
Natal: (0**84) 3611-0627/3211-0790/3222-1158
Porto Alegre: (0**51) 3371-4001/3371-1467/
3371-1567
Porto Velho: (0**69) 3223-2383/3221-2915/3221-0019
Recife: (0**81) 3421-4246/3421-4510
Ribeirão Preto: (0**16) 3610-5843/3610-8284
Rio Branco: (0**68) 3224-3125/3224-7094/3224-3432
Rio de Janeiro: (0**21) 2577-9494/2577-8867/
2577-9565
Salvador: (0**71) 3381-5854/3381-5895/3381-0959
Santarém: (0**93) 3523-6016/3523-5055
São José do Rio Preto: (0**17) 3227-3819/
3227-0982/3227-5249
São José dos Campos: (0**12) 3921-0732
São Luís: (0**98) 3243-0353
Serra: (0**27) 3204-7474/3204-7483
Teresina: (0**86) 3221-3998/3226-1956/3226-1125
Uberlândia: (0**34) 3213-5158/3213-6555/3213-4966

Copyright © Marco Túlio Costa, 2011

Gerente editorial: ROGÉRIO CARLOS GASTALDO DE OLIVEIRA

Editora-assistente: KANDY SGARBI SARAIVA

Coordenação e produção editorial: TODOTIPO EDITORIAL

Assistência editorial: TATIANE GODOY e ISADORA PROSPERO

Preparação de texto: JOSÉ MUNIZ JR.

Auxiliares de serviços editoriais: RUTE DE BRITO e MARI KUMAGAI

Suplemento de atividades: MIRACI TAMARA CASTRO

Revisão: BÁRBARA PRINCE e DANILO NIKOLAÍDIS

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC

Projeto gráfico e capa: DANIELA ROCHA

Gerente de arte: NAIR DE MEDEIROS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, Marco Túlio

Mágica para cegos : contos e contracontos /
Marco Túlio Costa ; ilustrações de Omar Sánchez. —
1. ed. — São Paulo : Saraiva, 2011. (Coleção Jabuti).

ISBN 978-85-02-13384-6 (aluno)
ISBN 978-85-02-13383-9 (professor)

1. Contos — Literatura infantojuvenil. I. Sánchez, Omar.
II. Título. III. Série.

11-05597

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Contos : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos reservados à Editora Saraiva.

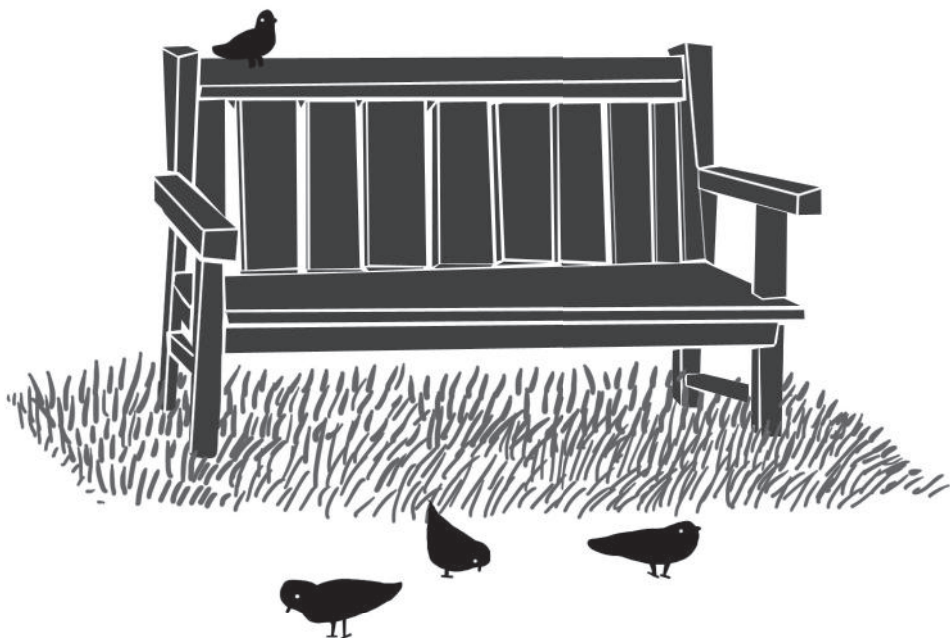
Sumário

Sobre a minha inexistência	4
O distrato	14
Sinal aberto	24
Notícia urgente	30
Destinos cruzados	34
Vida de mula	44
Mágica para cegos	54
A ratoeira	68

Sobre a minha

Inexistência

INEXISTÊNCIA



Não faz muito tempo fui morar numa rua onde havia um louco, desses inofensivos, fechados em seu mundo de repolho. Era meu vizinho, mas eu ignorava seu nome. Algumas vezes, ouvi os moleques do bairro fazendo chacotas enquanto passavam à distância. Deram-lhe o apelido de Vopulá, e eu não sabia por quê.

Ao amanhecer ele podia ser visto na pequena praça, em frente à minha casa. Alguém da família o colocava ali para tomar ar fresco e um pouco de sol. Onde o punham ele permanecia, preso por uma força desconhecida. Mexia apenas os braços. Horas depois, alguém vinha, falava mansamente em seu ouvido e o levava de volta à casa. Parecia flutuar.

De longe, pela janela, eu observava seus estranhos movimentos. Ele mantinha os braços um pouco à frente do corpo encurvado e às vezes os abria um pouco mais, para o lado, com as mãos espalmadas. Gestos sempre vagarosos.

Foi numa segunda-feira, quando saí para pegar um jornal na banca, que encontrei Vopulá perto de um dos bancos da praça. Sentei-me e comecei a folhear as páginas de classificados do jornal – mas só até a presença do louco tornar-se mais atraente que as ofertas.

Estando mais perto que de costume, pude perceber que ele mantinha os olhos fechados e resmungava uma inescrutável ladainha enquanto varria o vazio ao seu redor com as

mãos espalmadas. Levantei, aproximei-me dele, e meus ouvidos tentaram garimpar alguma palavra que fizesse sentido.

– O que o senhor está dizendo? – perguntei em voz baixa, desistindo do exercício de decifrador.

Ele se voltou com um sorriso torto. Abriu os olhos e fixou em mim um olhar nublado.

– Deus é clemente.

– Ah... – murmurei.

– E o senhor, é um anjo ou uma pessoa comum? – indagou, para minha surpresa.

– Sou seu vizinho.

Ele sorriu, balouçou a cabeça e movimentou os braços como se fosse perder o equilíbrio.

– Você não existe, na verdade – afirmou. – Mas Deus é infinitamente bom.

Fiquei intrigado com a afirmação. E tornei:

– Claro que existo. Sou seu vizinho – repeti, dobrando o jornal e colocando-o sob o braço. – Existo como você existe.

O lamento de Vopulá aumentou, o que me deixou apreensivo. Sem querer, eu o teria provocado, ferido sua lógica, ultrapassado algum meridiano de sua sanidade? Olhei em direção à casa dele, temendo que alguém surgisse para me repreender. Mas logo ele voltou ao normal e retomou a palavra.

– Sabe quem eu era? Eu era um sujeito muito temido...

– Era? Era quando?

– Antes da minha infinita queda.

Voltei a sentar no banco e o observei por alguns instantes. Ele não se perturbou com meu afastamento, assim como não havia se alterado com minha impertinência.

– Você caiu e bateu com a cabeça, foi isso?

Sem girar o corpo, Vopulá deitou a cabeça num invisível travesseiro, voltando-a para mim.

– Não, homem comum. Eu disse que minha queda ainda

não acabou. Eu não bati a cabeça em nada. Vou dizer a você o que aconteceu: eu sofri uma queda. Fui empurrado da sacada de um apartamento, num edifício no centro da cidade. A verdade só me será revelada quando eu chegar ao fim da queda, quando eu morrer de verdade.

Ele permanecia impassível, o corpo balouçando.

– Não entendo – respondi.

– Deus é de uma bondade infinita. Quando me jogaram do prédio, eu estava condenado. Mas o Senhor enviou um anjo que me disse o seguinte: “pense em toda a sua vida, arrependa-se de seus erros”. Eu pensei comigo: tantos erros cometi, tantos crimes. Como poderia passar minha vida a limpo antes de cair nas pedras do calçamento e me transformar numa massa retorcida de ossos quebrados e sangue? O anjo explicou: “você cairá, mas no tempo de Deus. O tempo de Deus é o tempo necessário a cada uma das coisas. Até se arrepender, você permanecerá em queda”.

Entendi então por que Vopulá mantinha o corpo naquela posição, os braços abertos e arqueados, as mãos espalmadas. Estava caindo, caindo infinitamente. Precipitando-se num poço de loucura.

– E como explica eu aqui, conversando com você, se você está caindo de um prédio neste exato momento? Será que também estou caindo?

Ele mantinha a cabeça deitada em minha direção. Fechou os olhos.

– Responda-me você, homem comum.

– No momento, estou lendo jornal numa praça. Procuo um carro em bom estado pra comprar.

– Deus me falou sobre você.

– Ah, é? E o que Ele disse?

– O anjo do Senhor disse que o longo tempo da queda poderia me enlouquecer, que eu poderia perder o sentido das

coisas, me esquecer da minha penitência. Por isso me preveniu de que eu ouviria vozes. Vozes como se fossem de parentes, amigos, vizinhos. Deus criaria pra mim uma miragem de vida, uma ilusão que me confortaria.

– Então eu faço parte da sua ilusão – concluí.

– Deus é pura compaixão. Ele me deitou numa nuvem enquanto caio. Criou uma cidade, um lar, pessoas que dizem ser meus parentes. Uma até diz ser minha filha. Eles me tratam como se eu fosse louco. Como se estivesse com eles. Tudo miragem.

Ficou lá, calado, indiferente a meu silêncio reflexivo.

– Então eu não existo.

– Não, não existe. Mas Deus faz você crer que sim. Nem mesmo um pensamento, uma simples miragem como você, escapa à bondade Dele. E, pra você não se sentir uma triste fantasia, Deus misericordioso permite que você pense ter vida própria, que imagine ser um homem comum.

A filha veio buscar Vopulá para o almoço. Eu ainda estava lá, alternando minha atenção entre descrições de carros usados e a teoria daquela criatura que flanava entre dimensões.

Então, eu não existia. E confesso que da terça-feira em diante todos os meus raciocínios me prendiam àquela história da qual eu só ouvira uma parte. Um homem temido, certo dia, saltara ou fora empurrado da sacada de um edifício.

Foi assim, amarrado a esse absurdo, que fiz uma busca no arquivo do jornal que costumava ler todos os dias. Não sabia bem o que pedir. Apenas disse à arquivista que eu procurava notícias sobre um homem que fora jogado ou saltara da sacada de um edifício localizado no centro da cidade. A princípio, essa ocupação parecia sem sentido, mas depois acabei dando razão a mim mesmo. Quem sabe ele tivesse sido testemunha de um crime, quem sabe sofresse o trauma de perder um ente querido exatamente da forma como descrevia a própria queda.